

PALCOS DE DISCÓRDIA



MÁRIO MESQUITA

# ONDE A PESSOA SE REVOLTA CONTRA A 'SUA' PERSONAGEM

**Manuel Maria Carrilho**  
rebelou-se contra a 'personagem  
jornalística' que dele fizeram,  
recusando-se a encarar o seu  
equivoco retrato mediático como  
inevitabilidade ou castigo divino

O País está dividido entre os que são pró e contra Manuel Maria Carrilho? É o que se deduz da leitura da imprensa, ao longo da semana, sendo diminuta a possibilidade de alguém debater as questões colocadas pelo livro *Sob o signo da verdade sem ser, de imediato, arrolado num dos campos tão rigorosamente delimitados como, noutros tempos, o dos bons ou maus portugueses. Também na época gloriosa da "causa timorense" era impossível escapar ao maniqueísta: "Quem não salta é indonésio?"*

Esboçar qualquer espécie de argumento, em tais circunstâncias, é uma demonstração de inocência inútil, tão inútil como seria explicar que a palavra de ordem salazarista na época da crise de Goa – "o Nehru é um canguru" – não possuía qualquer base de sustentação que não fosse a pura deriva da rima e do insulto. Nesta perspectiva, é escusado sustentar que se pode concordar com Manuel Maria Carrilho quanto à existência de um clima de condicionamento da opinião na campanha eleitoral, sem por isso partilhar todas as suas polémicas e, menos ainda, os seus 'ódios de estimação'. Ou se está com Carrilho, ou se está com "a matilha". Nem vale a pena ensaiar a 'terceira via' na ilusão de escapar à dicotomia estabelecida entre defensores da liberdade de expressão e "traidores" coniventes com "os políticos", justamente imolados no pelourinho da opinião pública.

Pode-se divergir do modo como Carrilho se refere a determinadas pessoas (jornalistas, colonistas ou outras) ou desconhecer "matéria de facto" invocada no livro (relativa, por exemplo, à "agência de comunicação" acusada de práticas desonestas), mas reconhecer-lhe o mérito de afirmar, em voz alta, o que muitos apenas sussurram nos bastidores, além de explicar como é possível, no actual sistema mediático, tomar a parte pelo todo, ocultar o debate sobre as questões concretas do município através da incessante repetição de uma fugaz imagem televisiva (a mão no ar...) ou das alusões à presença da mulher e do filho em actos de campanha...

## Os perfis da celebridade

Certa comunicação social fabrica as "divindades" que povoam o nosso Olimpo da política, do espectáculo, da cultura ou da 'boa sociedade'. Em regra, a cena desenrola-se em três fases: emergência, ascensão e queda. O prazer de projectar o retrato e erguê-lo aos píncaros da glória efêmera só encontra equivalente no gosto em desfazer o ídolo construído. Para esse efeito, os meios de comunicação constroem intrigas e personagens à semelhança das narrativas de ficção. A seu gosto ou consoante os seus interesses, fazem-nas

e desfazem-nas, remetendo-as, depois, para o inglorio anonimato...

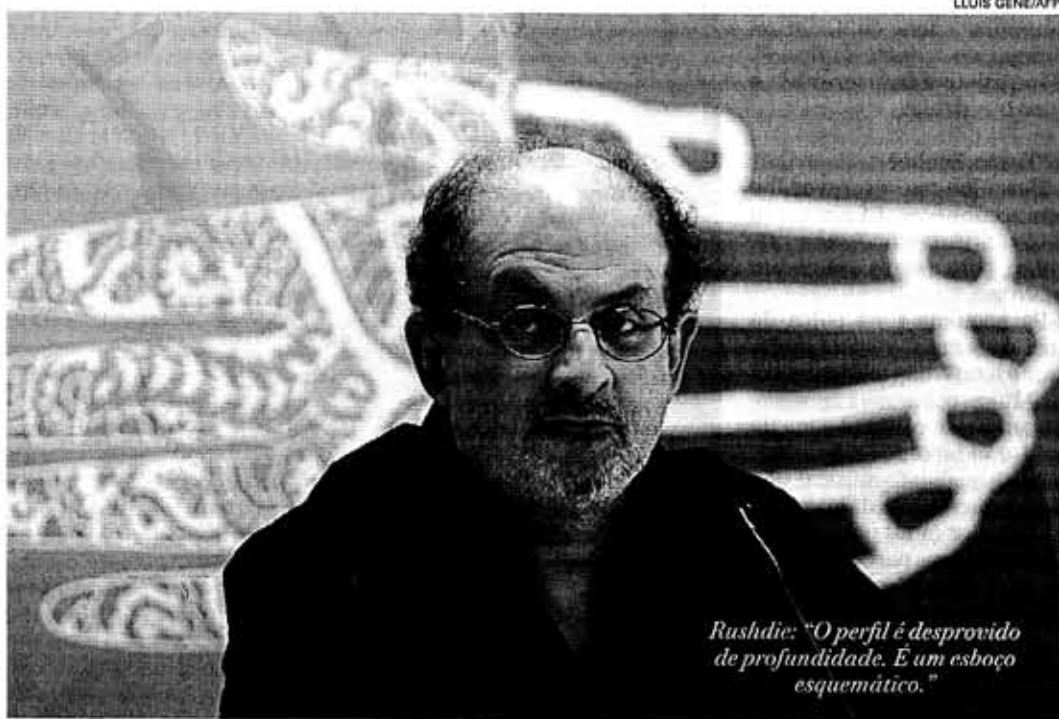
Salman Rushdie sustentou, numa comunicação à American Society of Newspaper Editors, que os jornalistas constroem personagens de não-ficção semelhantes às personagens de ficção dos romances. Se tais projecções partem dos dados factuais do curriculum vitae, envolvem igualmente o talento criativo e margem de arbitrário que lhe é inerente, ao mesmo tempo que reflectem os ventos e interesses dominantes.

"A palavra perfil", escreve Rushdie, "acerta no alvo. Num perfil, o sujeito nunca é de facto enfrentado, mas tão-só, por assim dizer, lateralmente entrevisto. O perfil é desprovido de profundidade, a duas dimensões. É um esboço esquemático. E contudo as imagens criadas pelos

próximas da caricatura do que do retrato. Por isso, conforme sustenta Rushdie, "qualquer homem ou mulher que se exponha aos olhares do público se transforma, no seu templo, em potencial vítima sacrificial".

Os perfis jornalísticos designam explicitamente as pessoas que pretendem reconfigurar (as personagens de ficção, quando referenciais, também o fazem, mas de forma implícita ou indirecta, sob 'pseudónimo...'). Participam num jogo de equívocos, à semelhança do que sucede nas feiras com os espelhos deformantes. Raras vezes a pessoa "retratada" se revolta contra o retrato. Em geral, mesmo se não se reconhece na imagem, rapidamente desiste de alterá-la. A relação de forças raramente lhe é favorável. É preferível deixar passar a maré e esperar por melhores dias.

Voluntarista e voluntarioso, Manuel Maria Carrilho ousou enfrentar os seus circunstanciais biógrafos e expôs-se, com isso, à sucessão de "fuzilamentos" verbais a que temos assistido. Para melhor o reduzirem à dimensão caricatural, responderam-lhe invocando pretensas



Rushdie: "O perfil é desprovido de profundidade. É um esboço esquemático."

curiosos textos aqui em causa (muitas vezes com a cumplicidade dos seus alvos) são extraordinariamente potentes – acontece ser quase impossível a uma pessoa real alterar com as suas palavras e actos, as impressões que essas imagens criam – e, graças ao poder dos 'dossiers' de imprensa, têm também a faculdade de se autopetruarem" (Pisar o Risco, Dom Quixote, 2004).

## A eficácia da personagem

A eficácia do "perfil jornalístico" reside precisamente na operação redutora que, frequentemente, envolve. Ao contrário de certas personagens literárias, complexas, densas, contraditórias, à semelhança dos 'seres humano' em que se baseiam, esses perfis devolvem-nos "personagens" planas, unidimensionais, por vezes mais

analogias com outras caricaturas: desde o seu adversário político, Santana Lopes, ao (pasmese...) concorrente do Big Brother, José Maria. O que há de comum entre os três? Sobretudo, a circunstância de terem sido, em tempo de ascensão, "idolatrados" nos ecrãs televisivos e nas páginas dos jornais, para serem, em fase de declínio, imolados para gáudio da opinião pública. É a moral dos vencedores, o "vae victis". Ao menos, neste caso, a pessoa rebelou-se contra a personagem jornalística que dela fizeram, recusando-se a encarar o seu equivoco retrato mediático como inevitabilidade ou, para retomar palavras de Salman Rushdie, "sacrifício consentido e voluntário, animado pela vontade de beber o cálice envenenado da Fama". ■  
PROFESSOR UNIVERSITÁRIO